



Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

QUALIDADE DISCURSIVA CONCRETUDE E PROJEÇÕES METONÍMICAS: UM ESTUDO COMPARATIVO EM NARRATIVAS

Discursive quality concreteness and metonymic projections: a comparative study in narratives

Blanca Flor Demenjour Munoz Mejia¹

Rute Izabel Simões Conceição

Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: Neste artigo apresentamos os resultados de um estudo comparativo a respeito da presença/ausência da qualidade discursiva concretude e de projeções metonímicas na primeira e na última versão de narrativas produzidas por sujeitos, professores de Língua Portuguesa em formação, durante um curso de Especialização/UFGD. Procuramos verificar em que medida o conceito das qualidades discursivas trabalhado com os sujeitos durante o curso contribuiu para a melhoria na qualidade estilístico-discursiva das narrativas. Do ponto de vista metodológico, a análise comparativa entre as versões textuais escritas pelos sujeitos, verificou se houve relação entre a presença da qualidade discursiva concretude e a presença de projeções metonímicas (reminiscência, hipálage e sínecdoque) na 1ª e na última versão das narrativas. Os resultados apontaram a ausência da qualidade discursiva concretude e de projeções metonímicas na 1ª versão e presença efetiva na última versão dos textos resultando num efeito estilístico-discursivo positivo ao se comparar a 1ª versão e a última reescrita pelos sujeitos.

Palavras-chave: Discursividade. Estilística. Reescrita textual.

Abstract: This article presents the results of a comparative study on the presence / absence of discursive quality concreteness and metonymic projections on the first and last version of narratives produced by subjects, teachers of Portuguese Language trainees during a course of Specialization / UFGD. We tried to see to what extent the concept of discursive qualities worked with the subjects during the course contributed to the improvement in quality of stylistic-discursive narratives. From the methodological point of view, the comparative analysis between the textual versions written by the subjects, there was no relationship between the presence of discursive quality concreteness and the presence of metonymic projections (reminiscent, hipalage and synecdoche) in 1st and last version of the narrative. The results indicate the absence of discursive quality concreteness and metonymic projections in version 1st and effective presence in the latest version of the texts resulting in a positive discourse-stylistic effect when comparing the 1st and the last version rewritten by the subjects.

Keywords: Discursivity. Stylistics. Text rewriting.

Introdução

Este trabalho apresenta os resultados de um estudo em que investigamos a relação entre a presença de projeções metonímicas e a qualidade discursiva concretude na primeira e na última versão de narrativas produzidas por professores de língua portuguesa em formação. Buscamos verificar também se, havendo a qualidade discursiva

concretude no texto, haverá tais projeções, e qual o efeito estilístico-discursivo provocado.

As narrativas produzidas por professores em formação partiram do tema *Apresentação Pessoal*¹, proposto na disciplina Escrita e Ensino, oferecida em um curso de Especialização em Linguística pela Faculdade de Comunicação, Artes e Letras - UFGD, a professores de Ensino Básico, durante um semestre do ano de 2009. O enfoque do trabalho centrou-se na “reconstrução da discursividade na escrita” dos sujeitos participantes (CONCEIÇÃO, 2000). Nessa disciplina, foram trabalhados três temas, contudo, para este trabalho, fizemos um recorte tomando como critério para a seleção dos textos a serem analisados, os textos produzidos para o tema *Apresentação Pessoal*, devido ao fato de haver um maior número de produções escritas em primeira versão com as correspondentes reescritas para esse tema. Após esta primeira delimitação, foram selecionadas todas as primeiras e a últimas versões das produções de quatro sujeitos para a análise comparativa. Sendo assim, o *corpus* de análise neste trabalho é composto por oito narrativas².

Fundamentação teórica

Há alguns conceitos fundamentais para este trabalho, tais como o de reconstrução da discursividade na escrita, qualidades discursivas, em especial a qualidade discursiva concretude, e projeções metonímicas.

Na resenha do material teórico a respeito do desenvolvimento da discursividade na escrita consta que, ao longo da escolarização, a escola, em vez de ensinar a escrever, tem promovido uma desconstrução da discursividade na escrita. O conceito de desconstrução da discursividade na escrita produzido na escola pode ser entendido, com base nas constatações de Pécora, como sendo o resultado de um “processo histórico de falsificação das condições de produção da escrita e o conseguinte esvaziamento de seu sentido, seguido da oferta de modelos para ocupar o vazio estabelecido” (PÉCORA, 1983, p. 111). O esvaziamento de sentido da escrita corresponde à desconstrução da discursividade na escrita e revela-se na prática, segundo Conceição (2004; 2008), por ser ensinada apenas como tarefa escolar, por escrever-se apenas para a gaveta do professor, por escreverem-se textos sem se ter a perspectiva de que de que irá ao encontro de um leitor, esvaziando-se de sentido a escrita. Para

¹ Ver mais informações a respeito da didática de ensino de produção textual aplicada, em Guedes (2004) e também em Conceição (2000).

² Os escreventes serão identificados por: E1, E2... E4.

ocupar o lugar desse esvaziamento de sentido da escrita, oferecem-se modelos textuais.

A oferta de modelos para ocupar o esvaziamento de sentido da escrita é o que Guedes (citado por CONCEIÇÃO 1999) chama de redação escolar, cuja definição expomos a seguir:

Conjunto de palavras organizadas em **frases dispostas em forma de texto** com o desígnio de: 1) reproduziram **padrão de linguagem**, um **modelo consagrado de disposição das partes** em que se deve **dividir a exposição** e um conjunto de ideias, considerados – esse padrão, esse modelo e esse conjunto – por quem produziu tal redação, como os únicos aceitáveis pela escola ou de 2) **expressar, de forma vaga, genérica e monológica** sentimentos, sensações, opiniões sem intenção de propor um diálogo a qualquer leitor e sem a atenção a alguma eventual leitura (GUEDES *apud* CONCEIÇÃO, 1999, p. 24)

Um “conjunto de palavras em forma de texto” significa que, nem toda a produção que apresente um conjunto de frases e parágrafos será “um texto”. No conceito de texto que utilizamos, será necessário haver unidade de sentido, o que pressupõe a necessidade de compreender a unidade temática como uma característica constitutiva do texto. Da mesma forma, o fato de se dividir a exposição escrita (o texto) em introdução, desenvolvimento e conclusão não irá garantir, por si só, a elaboração de um texto coeso e coerente, isto é, com unidade temática. Conforme propõe o autor no conceito de redação, expressar-se de “forma vaga, genérica e monológica” tem lugar garantido na redação escolar, entretanto, tudo o que for dito em um texto deve ser escrito com o intuito de suscitar a réplica do leitor. Se o texto não for escrito com a finalidade de dialogar com algum leitor, perderá sua função discursiva e dialógica e cairá no esvaziamento de seu sentido.

A proposta de reconstrução da discursividade na escrita visa à promoção de um novo olhar sobre o ensino-aprendizagem da produção textual. Do ponto de vista pedagógico, reconstruir a discursividade na escrita significa desenvolver estratégias de ensino que promovam uma nova relação com a escrita na escola e favoreçam a devolução da palavra e do discurso ao escrevente (CONCEIÇÃO,³ 2014).

Promover o desenvolvimento da discursividade na escrita dos alunos, e favorecer a descoberta da produção de diferentes efeitos de sentido no modo de dizer, segundo Conceição (2004), deve ser o fio condutor de todo o trabalho pedagógico de ensino da escrita. Em outros

³ Manuscrito cedido pela autora.

termos, a autora afirma que haverá “reconstrução da discursividade” se a produção escrita na escola apresentar certas qualidades discursivas consideradas imprescindíveis para despertar o interesse do leitor no texto que o convidamos a ler.

Qualidades discursivas devem ser entendidas como um conjunto de características que determinam a relação dialógica que o texto vai estabelecer com seus leitores e não só diretamente com eles, mas também com os demais textos que o antecederam na história dessa relação (GUEDES, 2004). Foram quatro as qualidades discursivas utilizadas no processo de reconstrução da discursividade na escrita realizado com os sujeitos desta pesquisa: *qualidade discursiva unidade temática, questionamento, objetividade e concretude*.

A *unidade temática* diz respeito ao fato de que todo texto deve ter uma questão central e esta questão deve funcionar como um fio condutor no texto. Em outros termos, para que haja unidade temática, é preciso construir um texto em torno de uma questão central do início ao final, e de forma coesa.

O *questionamento* alerta para o fato de que a questão central deve ser apresentada como um problema para o leitor, e este problema deve ser discutido, solucionado, ou pode ser apenas equacionado no decorrer do texto. Nos textos com tipologia predominantemente narrativa, a qualidade discursiva questionamento tem a função de levar o escrevente a descobrir e a selecionar, na história que quer contar, a questão mais inusitada e profunda dentre várias que o tema lhe coloca à disposição.

No tocante à qualidade discursiva *objetividade*, esta diz respeito à necessidade que o texto tem de apresentar todas as informações necessárias para que o leitor o compreenda à distância. No caso dos textos narrativos, para dar objetividade ao texto, o escrevente deve ver-se de fora (como um leitor do próprio texto) e postular um leitor exigente que deve receber todas as informações necessárias para compreender satisfatoriamente a questão proposta. Esse leitor também não deve ter desconsiderada a sua capacidade de inferência e nem deve ter que adivinhar o que o escrevente pretendia informar no texto.

A última qualidade discursiva aqui descrita e a que mais interessa a esta investigação é a qualidade *concretude*. Ela tem a função de alertar o escrevente para a necessidade de “mostrar mais” do que apenas fazer afirmações vagas e generalizantes no texto. Ao redigir um texto com tipologia predominantemente narrativa, conforme o foram os textos aqui analisados, o escrevente deve apresentar as cenas daquilo que quer contar, evitando termos abstratos aos quais o leitor pode atribuir o

sentido que quiser, por falta de especificidade (e concretude) no texto. Vejamos o exemplo a seguir (trecho de um texto escrito por um aluno de graduação) e observemos a expressão “nostálgico”:

A primeira palavra que me veio a cabeça para me apresentar pela terceira vez foi **nostálgico**. Não aquele tipo de cara que enche a cara, fica se lamentando e dizendo como já foi feliz antes, mas que agora nada mais tem graça na vida. Mas sim, alguém que quer, um dia (quando for bem mais velho) sentar numa mesa de bar com os meus amigos e ter história que viveu para contar, que vai poder olhar para trás e ver como realmente aproveitou a vida e continua a aproveitá-la, enfim, que pode chegar a conclusão que tudo que viveu valeu a pena.[...] (Citado por CONCEIÇÃO, 2000, p. 155).

A expressão “nostálgico” é central nesse texto. Será que o sentido que o escrevente tem para “nostálgico” é o mesmo que os leitores terão? Certamente que não, afinal, esta é uma palavra cujo sentido cada um poderá construir a partir de suas experiências, motivo pelo qual pode ser considerada “abstrata”. Para que o leitor compreenda o sentido que esse escrevente quer dar a esta palavra em seu texto será necessário muito mais do que apenas citá-la, é preciso “mostrar” objetiva e concretamente o que é ser “nostálgico”. Essa é a tarefa da concretude no texto.

Vejamos a seguir, uma sequência desse mesmo texto reescrito. O escrevente procura resolver o problema que a expressão cria para seu texto, dando-lhe concretude:

[...]Muito pelo contrário, pois também sou um **pouco nostálgico** em relação a tudo que já vivi. Adoro ficar escutando música e **olhando o grande painel de fotos que montei e pendurei na parede do meu quarto**. Ali, **posso ver**, principalmente, a fase que mais estou curtindo na minha vida, **a minha juventude**. Naquelas fotos, **posso ver** por algumas mudanças que passei. **Ou o piá com fama de crente** e que sempre tirava notas boas no Colégio, e que **tinha um cabelo que mais parecia um capacete**. Ou **o adolescente metalheiro deixando o cabelo crescer** e que adorava Iron Maiden e Metallica e que recém estava começando ir “para noite”. Ou ainda **o taem de hoje em dia**, que curte um som mais “cabeça” (anos 70) e que recém entrou na Faculdade. (CONCEIÇÃO, 2000, p. 127/128)

Em todos esses trechos grifados, o escrevente procura “mostrar” o que é, no sentido que ele propõe em seu texto, ser “nostálgico”. Assim, a expressão “abstrata” que, no parágrafo anterior, apresentava-se como um lugar-comum, uma expressão generalizante, deixa de sê-lo, na medida em que o leitor pode comparar o sentido que já tem construído para si com o sentido que o escrevente dá a ela em seu texto.

A concretude, portanto, leva o escrevente a evitar termos abstratos, ou, dizendo de outro modo, a “especificar concretamente” os sentidos,

quando precisa utilizá-los em seu texto, conforme foi feito com a expressão “nostálgico”.

No sentido em que concretude é abordada na literatura consultada, ela pode ser entendida como a estratégia discursiva que alerta o escrevente (nesta caso, o de um texto narrativo), para a necessidade de criar imagens, cenas, para que o leitor possa, muito mais do que ler o texto, “sentir”, “experimentar” as sensações que ele provoca.

É nesse sentido que Conceição explicita sobre a presença da qualidade discursiva nas narrativas:

A concretude é a qualidade que [...] possibilita que o leitor confronte o que o texto diz com o particular sentido que já tem construído para si, e, no diálogo com o texto, experimente sentimentos, emoções, questionamentos produzidos, e dessa relação interlocutiva novos conhecimentos são construídos.” (CONCEIÇÃO, 2000, p. 113)

A qualidade discursiva concretude e as projeções metonímicas

Em nosso estudo, partimos da hipótese de que a qualidade discursiva concretude guarda relações com o conceito de metonímia, figura de linguagem que, desde os tempos da Retórica Clássica tem sido estudada para se compreender a relação entre o arranjo vocabular e os efeitos de sentidos neles produzidos.

Partindo dessa hipótese, e pretendendo estabelecer comparações entre essas duas categorias linguísticas, entendemos ser produtivo trabalhar com o conceito de projeções metonímicas, assim como propõe Abreu (2008). Antes, porém, de nos determos às especificidades do conceito de projeções metonímicas, vejamos a seguir um panorama do desenvolvimento das figuras de linguagem, o que foi determinante para o desenvolvimento atual do conceito de projeções metonímicas.

As figuras de linguagem foram estudadas por muitos anos pelos teóricos da arte do bem falar e do discursar, no âmbito da Retórica. A técnica foi primeiramente atribuída à Empédocles, filósofo e orador grego, que muito contribuiu para o desenvolvimento da atual Estilística.

Para Brandão (1989), os registros de Aristóteles foram essenciais no processo da tradição Retórica. Aristóteles, na Retórica Antiga, desenvolveu detalhadas observações a respeito dos discursos eloquentes dos sofistas. Partiu, não só do escrito, mas do oral também, e direcionou um estudo de quatro relações básicas de figuratividade, os *tropos*:

1. da *semelhança* entre duas significações em que uma substitui a outra;

2. da *correspondência* entre duas significações;
3. da *conexão* geral ou particular entre duas significações sem que uma substitua a outra;
4. da *contrariedade* de lógica das significações (BRANDÃO, 1989, p. 19);

Após séculos, as quatro relações foram nomeadas, respectivamente, de metáfora, metonímia, sinédoque e ironia. Dessas figuras, vieram outras, especialmente registradas por Foutanier e Quintiliano, no período conhecido como o da Retórica Clássica. Posteriormente, os estudos de Charles Bally (por volta de 1951) e de Jean Cohen (por volta de 1974) contribuíram para o surgimento da chamada Nova Retórica que, na atualidade, tem em Perelman seu maior expoente, especialmente devido às investigações acerca da argumentação (PERELMAN, 1996).

Brandão (1989) assevera que as figuras semânticas, ou metassemas, são classificadas como figuras decorrentes de uma transposição, um rearranjo do significado das palavras. Isto é, transmitem conteúdo que se depreende do arranjo vocabular.

A metonímia, segundo Filipak (1983), relaciona-se ao polo da contiguidade de Jakobson. Como o nome sugere, é uma relação de nomes em lugar de outros nomes, metonímia, como numa espécie de emparelhamento de nomes que estão em justaposição, mas não em substituição. A sua função principal é buscar economia ou *função braquiológica* (FILIPAK, p. 136).

Neste trabalho, interessa-nos, mais especificamente, a função de *correspondência* entre dois significados que a metonímia, de acordo com Abreu (2008), estabelece por meio das projeções metonímicas. O autor utiliza o termo “projeções” em um de seus capítulos, “*Uso criativo da Metonímia: um processo de projeção*” (p. 50), para rearranjar o conceito da metonímia, propondo-lhe com uma visão de projeção.

A forma mais comum de definição da metonímia que temos e que o autor propõe é “a da projeção de parte em um todo” (ABREU, 2008, p. 50). O que está de acordo com o que os demais outros autores resenhados também afirmam. A contribuição de Abreu está em propor que o processo da metonímia parte da projeção de um “domínio de ORIGEM [...]” para “aplicá-lo a um domínio ALVO” (p. 50).

A nossa hipótese é de que o fator concretude das cenas possibilitaria a visualização, por parte do leitor, da projeção de significado de um domínio de origem para um domínio alvo. Isto quer dizer que, as cenas construídas nas narrativas, com base em uma realidade criada ou

vivida pelo escrevente, são transpostas para o imaginário do leitor, que atribui, para cada cena, um significado particular, por projeção de sentido.

Utilizaremos o conceito de projeções metonímicas proposto por Abreu (2008), focando em três processos de projeções: a reminiscência, a sinédoque e a hipálage.

Concordando com o autor, podemos afirmar que a *reminiscência* ou, metonímia ligada às emoções, à memória emocional, tem esse nome por ter a função de projetar uma emoção a partir de um detalhe que caracteriza alguém: “O formato do rosto, o som da voz, um detalhe qualquer podem ativar nossa memória emocional para o bem ou para o mal” (ABREU, 2008, p.52). O autor exemplifica também a reminiscência como uma projeção do amado, daquilo que se quer conquistar do outro. Vejamos um exemplo no trecho seguinte, retirado da obra *Diálogos*, em que se retrata um diálogo entre Sócrates e Fédon e, ao mesmo tempo, explica-se o que é a projeção por reminiscência:

- Muito bem - prosseguiu Sócrates. - Não sabe o que acontece com **os amantes** quando **veem uma lira, um traje** ou qualquer outra coisa que **seus amados** costumem usar habitualmente? Que **ao ver essa coisa pensam em seu dono**? Isto é **reminiscência**. [...] Poderia te dar um milhão de Exemplos. (Citado por ABREU, 2008, p. 52. Grifo nosso)

A *sinédoque* trata de uma projeção metonímica em que um aspecto ou de uma característica é projetada em um todo, isto é, ocorre o “foco em uma parte inalienável de alguma coisa ou pessoa, como ocorre em relação aos “olhos”, no poema de José Joaquim Nunes, a seguir” (citado por ABREU, p. 55):

Senhora, partem tão tristes
Meus olhos por vós, meu bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns ninguém.
[...]

E, por último, a projeção metonímica por *hipálage* trata de “uma transformação de algo inanimado em ator, conforme exemplifica Abreu (2008, p. 66) com este trecho do Hino Nacional. No caso, o sujeito da frase no verso do Hino são “as margens do Ipiranga”, transformadas, nesse caso, em atores capazes de ouvir:

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da pátria nesse instante

Cabe ainda destacar a afirmação de Abreu (2008) a respeito do processo de projeção, quando postula que a metonímia é “um dos

principais processos cognitivos utilizados no dia-a-dia pelos seres humanos". Os processos cognitivos estão ligados aos fatores históricos e culturais e podem ser projetados em provérbios, fábulas, parábolas e em histórias do cotidiano, servindo para ensinar algo às pessoas (ABREU, 2008, p. 51-58).

Por fim, cabe dizer que, a partir da leitura e das reflexões feitas sobre a literatura e também nas narrativas analisadas neste trabalho, a escolha da qualidade discursiva concretude e das projeções metonímicas como critério de análise correspondem a duas categorias linguísticas que parecem (a análise irá comprovar ou não) possibilitar o processo de experimentação, pelo leitor, *de sentimentos e de emoções* projetados nos textos. O que pretendemos verificar na análise, em outros termos, é se ambas as categorias, quando presentes nos textos, remetem à construção de cenas que, no nosso entender, podem favorecer a construção de sentidos no imaginário do leitor.

Assim, além de analisar os textos do ponto discursivo, por meio da análise da qualidade concretude, analisaremos do ponto de vista estilístico, o que diz respeito às projeções metonímicas, conforme explicitaremos, a seguir, na metodologia.

Metodologia

Para esta análise, foram selecionadas quatro narrativas em 1ª versão (doravante 1V) e quatro narrativas reescritas em última versão (doravante UV) produzidas por 4 sujeitos, professores de Língua Portuguesa em formação continuada, durante um curso de Especialização/UFGD, para o tema "apresentação pessoal", as quais serão analisadas em três fases.

Na primeira fase da análise, verificaremos a presença/ausência da qualidade discursiva concretude nos títulos das narrativas em 1V e em UV. Em seguida, analisaremos a presença/ausência da qualidade discursiva concretude de duas narrativas, uma em 1V e outra em UV de um mesmo escrevente.

Para a análise da qualidade discursiva concretude, três questões direcionaram o olhar para os textos: as cenas/dados dos acontecimentos são convincentes e prendem a atenção do leitor? Evitam-se os usos de "termos abstratos" que diluem a especificidade dos sentidos que o texto pretende construir? e, por último: a descrição dos fatos é convincente e possibilita que o leitor tire conclusões próprias?

Na segunda fase, faremos o levantamento da presença/ausência nas narrativas em 1ªV e em UV do escrevente, analisado os trechos que

indiciam o uso das projeções metonímicas por *reminiscência*, *sinédoque* e *hipálage*, conforme explicitadas.

De posse dos dados da análise realizada nas duas primeiras fases, faremos a comparação dos resultados (comparando cada trecho em que há a qualidade discursiva *concretude* com os trechos em que há as *projeções metonímicas*). Nesta terceira fase da análise, a seguinte pergunta guiará a interpretação dos resultados: Onde há a presença da qualidade discursiva *concretude*, há a presença de projeções metonímicas? Qual o resultado qualitativo para o texto da presença/ausência delas?

Análise dos dados e discussão dos resultados

Na primeira fase da análise, constatamos que os escreventes, ao produzirem seus textos para o tema “Apresentação pessoal”, em sua maioria na primeira versão (1ªV), não deram um título ao seu texto, transformando o tema geral da produção em título. Na UV, cada texto apresentou um título singular que, de certo modo, dá ao leitor uma ideia prévia da questão a ser tratada, conforme podemos verificar no Quadro 1:

Quadro 1: Título das narrativas na 1ªV e na UV

ESCREVENTE	TEMA PROPOSTO	TÍTULO 1ªV	TÍTULO UV
E1	Apresentação pessoal	Apresentação pessoal	A trajetória de um músico underground
E2	Apresentação pessoal	Apresentação pessoal	Um ser especial em minha vida
E3	Apresentação pessoal	Apresentação pessoal	Homenagem a um anjo
E4	Apresentação pessoal	Apresentação pessoal	Irmãos

Analisando o Quadro 1, do ponto de vista da qualidade discursiva *concretude*, é possível verificar a evidência, nos títulos, de que, na 1ªV não há a presença de *concretude*, tal que todos os textos apresentam títulos que são cópias do tema geral da produção: “Apresentação pessoal”. Na UV, mesmo sem conhecer os textos, o leitor já pode fazer uma “imagem” do que irá encontrar nas narrativas. Isso, em outros termos, é decorrente do fato de que o escrevente, a partir do título, já procura criar, no imaginário do leitor, uma cena prévia dos acontecimentos que pretende narrar. Em outros termos, isso corresponde a indícios de que há a qualidade *concretude* na UV.

Por outro lado, podemos verificar que, do ponto de vista das projeções metonímicas, os títulos das últimas versões também indiciam um ganho estilístico nas produções. No título de E2, *Um ser especial em*

minha vida, e de E3, *Homenagem a um anjo*, por exemplo, indiciam-se projeções metonímicas por reminiscência, em que o “ser especial” em E2 e “um anjo” em E3 remetem à memória de uma relação emocional do narrador com alguém especial em sua vida.

Na 1V e na UV do texto escrito por E2 para o tema “Apresentação pessoal” (Quadro 2), a seguir, pretendemos demonstrar a análise qualitativa da concretude e das projeções metonímicas.

Quadro 2 - 1ª versão do texto de E2 para o tema “Apresentação pessoal”

Apresentação pessoal
1§ Sou E., tenho 24 anos, sou casada e tenho 2 filhos. Acredito ser uma pessoa extrovertida , que gosta de estar com a família e amigos sempre que é possível.
2§No momento não estou trabalhando, motivo este que considero ao fato de ter uma bebezinha que ainda amamenta e necessita muito de minha presença. Ainda com relação a “não estar trabalhando”, tenho esforçado a melhorar o ensino adquirido durante a graduação, já que esta durante os 4 anos de Letras estudados na transição entre UFMS e UFGD se encontram em defasagem .
3§ Enfim, durante minha trajetória acadêmica pouco pude absorver para a realização profissional e pessoal , mas com a participação e realização de uma especialização em minha vida, tenho a expectativa e esperança de conseguir melhorar e adquirir experiências significativas para o meu “ser”.

Observemos as expressões “extrovertida”, “melhorar o ensino”, “defasagem” e “realização profissional e pessoal”. Será que o sentido que o escrevente tem para tais expressões é o mesmo que os leitores terão? Certamente que não, afinal, essas são expressões “abertas”, cujo sentido cada leitor poderá construir a partir de suas experiências. Para que o leitor compreenda o sentido que esse escrevente quer dar a essas expressões em seu texto, seria necessário, muito mais do que “apenas citar os termos que julga expressar sua ideia”, seria preciso “mostrar”, objetiva e concretamente, cenas que permitissem ao leitor construir a especificidade dos sentidos e tirar suas conclusões. A falta dessas “cenas” que dariam concretude resulta no aglomerado de lugar-comum, muito característico das redações escolares. Assim como não há concretude no texto, também não foram constatadas projeções metonímicas que contribuiriam para a qualidade estilística da produção.

Demonstraremos, no Quadro 3, a última versão reescrita por E2 para o tema “apresentação pessoal”.

Quadro 3 - Última versão do texto de E2 para o tema “Apresentação pessoal”

Um ser especial em minha vida (3ª versão)

<p>1§ Em 1993, lembro-me muito bem dessa data, meus pais, haviam me falado que receberíamos uma hóspede que passaria esse ano e alguns outros morando junto conosco. Nossa! Quão grande era minha a minha alegria, principalmente por saber que se tratava de uma moça com seus 25 anos de idade.</p>
<p>2§ Estava ansiosa não via a hora de encontrá-la, tudo seria diferente, pois, aprenderia muito com ela, sua experiência de vida e por ser mais velha, já atendia minhas expectativas e concluía vai ser muito especial.</p>
<p>3§ Os dias passavam e nada de notícias, resolvi perguntar ao meu pai, quando ela chegaria, ele explicou: <i>“Essa moça é minha irmã caçula, ela sempre passa uma temporada em cada casa de meus irmãos e dessa vez, ela virá para cá!”</i> fiquei muito mais feliz em saber que é minha tia, <i>“Pai, que legal não sabia que era minha tia!”</i> não conseguia me conter, estava aos pulos. <i>Meu pai franzia a testa e disse: “tenha muita paciência com ela...” e logo um sorriso lhe estampou a face “porque ela é especial!”. Eu fiquei até brava quando disse isto, “será que ele tem noção do quanto é especial para mim...” logo pensei, mas não disse nada.</i></p>
<p>4§ Era um domingo, de um sol radiante, daqueles dias em que tudo está te cumprimentando, pássaros a cantar, vento a soprar, folhas a voar, parecia mágica, foi quando ainda na cama escuto o soar de uma buzina, “Puxa vida é ela” disse eu ao dar um salto e correr para o banheiro.</p>
<p>5§ Já me encontrava lá fora, quando avistei um carro, um fusca, amarelo, cujo ano de fabricação não sabia, tinha um adesivo colado na parabrisa, no canto direito do passageiro do banco da frente, este impedia que eu conseguisse ver aquele ser especial tão esperado. <i>De repente desce do carro meu tio, que vem de encontro a nós, com seus cabelos grisalhos e seu corpo arredondado saudando a todos com um “Bom dia!”, em resposta o cumprimentamos. Ele foi logo pegando do carro a mala de minha tia com seus respectivos objetos pessoais, e nada dela descer. Meus pais e ele travavam um longo bate-papo, cujo alguns trechos se referiam a tia, mas minha curiosidade em conhecê-la era tamanha que nem dava a importância ao referido papo. Cutuquei minha mãe: “E a tia, vai ficar lá no carro?” “Eita!” surpresa minha mãe exclama: “Vou lá buscá-la!”. Havia chegado o momento, a porta se abriu, vejo apenas pequenos pés tocarem o chão, em seguida pernas curtas e logo avistava uma personagem de estatura baixa, cabelos negros, corpo volumoso que ao andar em nossa direção, não parecia ter firmeza em seus passos.</i></p>
<p>6§ <i>Aproximei da figura, disse-lhe um bom dia todo entusiasmado e me apresentei, ela apenas sorriu. Fiquei um pouco desanimada, “Horas bola” eu tinha apenas 9 anos de idade esperava ouvir: “Olá, minha querida sobrinha!”, mas só partia um sorriso de seu rosto. Envergonhada, fui para o quarto fazer as lições.</i></p>
<p>7§ Na hora do almoço, ela já estava a mesa, era a oportunidade de conversarmos e nos conhecermos melhor. À mesa, minha mãe apresentava a mim e a minha irmã a ela e disse apontando a ela: <i>“Esta é sua tia C...”, “Então era esse seu nome...”</i> pensei comigo e fui logo me apresentando: <i>“Sou E.”, mas ela nada falou</i>, nesse momento o telefone toca e minha mãe e meu pai correm até a sala para atender, pois eles estavam esperando uma ligação de uns parentes de São Paulo, era o primeiro momento entre sobrinhas e tia, lógico que minha irmã de um aninho, não sentia como era a casa, meus pais, a vila, a rotina, mas ela só observava numa serenidade e de minuto em minuto soltava um sorriso, parecia estar gostando do que eu falava.</p>
<p>8§ <i>Voltando a mesa, meus pais foram se servir, minha mãe serviu a ela, esta porém não agradeceu. “Estranho...” pensei, mas nada falei.</i></p>
<p>9§ A tarde passava e ela estava só a frente da TV, eu no corredor da casa espiava, já que não havia escutado ainda sua voz. Decepção a minha, nada foi mencionado. <i>Corri para o quarto e concluí: “Ela não gostou daqui, ela não gostou de mim!...”</i> disse aos prantos. <i>Meu choro foi se calando na medida em que passos se aproximavam de meu quarto, minha mão começou a suar e gelar, pela firmeza ou melhor, a falta de, sabia que era a tia C, e “Agora!”, “Era ela!”, “será que ia me repreender por estar chorando”, será que ia</i></p>

mandar ficar quieta”, meu coração acelerava, os passos mais próximos, **“será que eu a aborreci com meu falatório”**, pensamentos rondavam minha cabeça, meus olhos fitavam a porta, **lá estava ela parada na porta como se esperasse que eu a chamasse para entrar, mas estava paralisada, mesmo assim ela adentrou e sentou-se ao meu lado.**

10§ Baixei a cabeça e comecei a secar o rosto, foi quando percebi que ela estava chorando, surpresa com sua reação, comecei-lhe a secar o rosto e ela começou a sorrir e eu logo respondi com outro sorriso na mesma proporção, até que fomos interrompidas por minha mãe que sentou-se ao nosso lado.

11§ Minha mãe começou a contar a história da tia C., que nasceu com *uma deficiência chamada Síndrome de Down, e por este motivo ela não falava e agia como um bebezinho. Não dependendo de nós somente ao andar. Às vezes dependia para ir ao banheiro. Enfim era uma mulher de 25 anos com mentalidade de 2 anos e 5 meses de idade.*

12§ **Passei a tarde toda contando-lhe histórias, penteando-lhe os cabelos e sorrindo junto com ela.** E desse laço seguiu-se 4 anos de trocas sentimentais, até que chegou o dia dela partir. **Gostaríamos de ter sua presença junto a nós sempre**, mas judicialmente ela deve morar de anos em anos com cada um de seus 8 irmãos, *compreendido, porém não entendido pelo meu coração que se encontrava apertado e angustiado por sua partida*, meus pensamentos eram: “...como conseguiria viver sem esse ser tão especial?...” não encontrava resposta, até que na despedida, já que o carro, aquele mesmo fusca amarelo, com ano desconhecido, e com adesivo já a esperava para a partida, *dei-lhe um abraço apertado e duradouro e fitei meus olhos nos seus, quando neste momento acalentou-me todas as angústias que sentia, não sabia explicar como acontecerá.*

13§ **Hoje continuo aguardando seu retorno, aquele belo dia**, aquele momento especial, em que um ser especial partilhou de minha vida com um gesto tão simplório e tão significante, um sorriso.

Num primeiro olhar, comparando a 1V (Quadro 2) e UV (Quadro 3), a 3ª reescrita realizada por E2, durante a experiência que vivenciou com intuito de melhorar seu texto do ponto de vista das quatro qualidades discursivas, já é possível constatar que houve significativa diferença, pelo menos quantitativa. Uma rápida leitura deixa evidente a melhora qualitativa também. O texto da UV apresenta um título interessante que remete o leitor a construir possíveis sentidos para a narrativa que irá ler. Além disso, é possível constatar que o texto apresenta uma questão central em torno da qual todo ele se desenvolve, fato que não ocorreu na 1ª versão, que mais pareceu uma junção de trechos aleatórios em forma de texto.

A seguir, nos Quadro 4 e 5, demonstraremos a análise comparativa do ponto de vista da presença/ausência da qualidade discursiva concretude (Quadro 4), e das projeções metonímicas (Quadro 5), nesse mesmo texto (UV de E2).

No Quadro 4, a análise demonstrará a concretude que a escrevente procura dar ao termo “ser especial” em seu texto, por meio do jogo de dois sentidos diferentes que atribui à expressão “especial” que, em princípio, é aberta a incontáveis sentidos. Na primeira parte do Quadro 4, estão os

**Trechos em que é dada concretude ao sentido pretendido para a expressão
“ESPECIAL” texto de E2**

ESPECIAL = alguém importante	ESPECIAL = pessoa que necessita de cuidados especiais
<p>1§ Quão grande era minha a minha alegria, principalmente por saber que se tratava de uma moça com seus 25 anos de idade.</p> <p>2§ Estava ansiosa não via a hora de encontrá-la, tudo seria diferente, pois, aprenderia muito com ela, sua experiência de vida e por ser mais velha [...]</p> <p>3§ Eu fiquei até brava quando disse isto, “será que ele tem noção do quanto é especial para mim...” logo pensei, mas não disse nada.</p> <p>4§ [...] foi quando ainda na cama escuto o soar de uma buzina, “Puxa vida é ela” disse eu ao dar um salto e correr para o banheiro.</p> <p>5§ Cutuquei minha mãe: “E a tia, vai ficar lá no carro?” “Eita!” surpresa minha mãe exclama: “Vou lá buscá-la!”.</p> <p>7§ Na hora do almoço, ela já estava a mesa, era a oportunidade de conversarmos e nos conhecermos melhor.</p> <p>7§ [...] era o primeiro momento entre sobrinhas e tia [...]</p> <p>9§ Corri para o quarto e conclui: “Ela não gostou daqui, ela não gostou de mim!...” disse aos prantos. Meu choro foi se calando na medida em que passos se aproximavam de meu quarto, minha mão começou a suar e gelar [...]</p> <p>12§ Passei a tarde toda contando-lhe histórias, penteando- lhe os cabelos e sorrindo junto com ela.</p> <p>12§ Gostaríamos de ter sua presença junto a nós sempre [...]</p> <p>12§ [...] entendido pelo meu coração que se encontrava apertado e angustiado por sua partida [...]</p> <p>13§ Hoje continuo aguardando seu retorno, aquele belo dia [...]</p>	<p>3§ Meu pai franzia a testa e disse: “tenha muita paciência com ela...” e logo um sorriso lhe estampou a face “porque ela é especial!”.</p> <p>5§ Havia chegado o momento, a porta se abriu, vejo apenas pequenos pés tocarem o chão, em seguida pernas curtas [...]</p> <p>6§ [...] ela apenas sorriu. Fiquei um pouco desanimada, “Horas bola” eu tinha apenas 9 anos de idade esperava ouvir: “Olá, minha querida sobrinha!”, mas só partia um sorriso de seu rosto.</p> <p>7§ “Sou E.”, mas ela nada falou [...]</p> <p>7§ mas ela só observava numa serenidade e de minuto em minuto soltava um sorriso, parecia estar gostando do que eu falava.</p> <p>8§ [...] minha mãe serviu a ela, esta porém não agradeceu. “Estranho...” pensei, mas nada falei.</p> <p>9§ A tarde passava e ela estava só a frente da TV, eu no corredor da casa espiava, já que não havia escutado ainda sua voz.</p> <p>9§ Corri para o quarto e conclui: “Ela não gostou daqui, ela não gostou de mim!...” disse aos prantos. Meu choro foi se calando na medida em que passos se aproximavam de meu quarto, minha mão começou a suar e gelar, pela firmeza ou melhor, a falta de, sabia que era a tia C. [...]</p> <p>11§ [...] uma deficiência chamada Síndrome de Down [...]</p> <p>12§ Passei a tarde toda contando-lhe histórias, penteando- lhe os cabelos e sorrindo junto com ela.</p>

95

trechos em que o termo “especial” significa “alguém importante” e na segunda parte estão os trechos em que se dá concretude ao sentido de “especial” como “alguém que necessita de cuidados especiais”.

Quadro 4 - Indício da presença da Qualidade discursiva concretude na UV de E2

No Quadro 5, a análise demonstrará as projeções metonímicas que a escrevente elaborou em seu texto por meio do jogo de sentidos. Na primeira parte do Quadro 5 estão os trechos em que se podem constatar

indícios de projeções metonímicas e na segunda parte está a classificação do tipo de metonímia indiciado: metonímia por reminiscência, metonímia por sinédoque e metonímia por hipálage.

Quadro 5 - Indícios da presença de projeções metonímicas na UV de E2

Trechos do texto	Tipos de projeção
<p>3§ Meu pai franzia a testa e disse: “tenha muita paciência com ela...” e logo um sorriso lhe estampou a face “porque ela é especial!”. Eu fiquei até brava quando disse isto, “será que ele tem noção do quanto é especial para mim...” logo pensei, mas não disse nada.</p> <p>4§ [...] foi quando ainda na cama escuto o suar de uma buzina, “Puxa vida é ela” [...]</p> <p>9§ Corri para o quarto e concluí: “Ela não gostou daqui, ela não gostou de mim!...” [...]</p> <p>12§ [...] dei-lhe um abraço apertado e duradouro e fitei meus olhos nos seus, quando neste momento acalentou-me todas as angústias que sentia, não sabia explicar como acontecerá.</p>	<p>Indícios de projeção metonímica por reminiscência</p>
<p>3§ “Essa moça é minha irmã caçula, ela sempre passa uma temporada em cada casa de meus irmãos e dessa vez, ela virá para cá!” [...]</p> <p>5§ De repente desce do carro meu tio, que vem de encontro a nós, com seus cabelos grisalhos e seu corpo arredondado [...]</p> <p>5§ “Vou lá buscá-la!”. Havia chegado o momento, a porta se abriu, vejo apenas pequenos pés tocarem o chão, em seguida pernas curtas [...]</p> <p>6§ Aproximei da figura [...]</p> <p>9§ [...] minha mão começou a suar e gelar [...]</p> <p>11§ [...] uma deficiência chamada Síndrome de Down [...]</p> <p>11§ [...] ela não falava e agia como um bebezinho. Não dependendo de nós somente ao andar. Às vezes dependia para ir ao banheiro [...]</p> <p>11§ Enfim era uma mulher de 25 anos com mentalidade de 2 anos e 5 meses de idade.</p>	<p>Indícios de projeção metonímica por sinédoque</p>
<p>12§ [...] compreendido, porém não entendido pelo meu coração que se encontrava apertado e angustiado por sua partida [...]</p> <p>9§ Meu choro foi se calando na medida em que passos se aproximavam de meu quarto [...]</p>	<p>Indícios de projeção metonímica por hipálage</p>

Demonstramos, no Quadro 6, um levantamento geral a respeito da presença/ausência da qualidade concretude e das projeções metonímicas nos 8 textos (1ªV e UV) dos 4 sujeitos desta investigação.

Quadro 6: Comparação - presença/ausência da concretude e das projeções metonímicas na 1ª V e na UV dos 4 sujeitos

Escrevente	1ª versão			Última Versão				
	Concretude	Projeções Metonímicas			Concretude	Projeções Metonímicas ⁴		
		R	H	S		R	H	S
E1	_	_			X	1	1	4
E2	_	_			X	4	3	8
E3	_	_			X	1	2	0
E4	_	_			X	0	0	0

O Quadro 6 dá uma visão geral a respeito da presença (assinalada por “x”) e da ausência (assinalada por “_”) da qualidade discursiva concretude e das projeções metonímicas (estas, subdivididas em três tipos: reminiscências (R), hipálage (H) e sinédoque (S) nos oito textos analisados (1ª e última versões dos textos de E1, E2, E3, E4).

O que podemos concluir é que, nas primeiras versões, não se verificaram a presença da concretude nem de projeções metonímicas. Inversamente, na última versão reescrita foram constatados, em diversos trechos (conforme se pode verificar no texto de E2 demonstrado), a presença de ambas as categorias de análise, com exceção do texto de E4 que não apresentou nenhum indício de projeções metonímicas, embora tenha apresentado indícios da qualidade concretude de forma tênue.

Considerações finais

Para as nossas reflexões finais, cabe retomar as duas perguntas que guiaram a análise e a interpretação dos resultados: Onde há a presença da qualidade discursiva concretude, há a presença de projeções metonímicas? Qual o resultado qualitativo da presença ausência delas para o texto?

A demonstração da análise dos dados permite verificar que houve, na maior parte dos trechos em que o escrevente procurou dar concretude ao texto, a constatação da presença de alguma projeção metonímica.

⁴ As projeções metonímicas foram codificadas pelas letras R (reminiscências), H (Hipálage) e S (Sinédoque)

Cabe ressaltar que o trabalho didático realizado com os sujeitos enfatizou a construção de quatro qualidades discursivas e não trabalhou o conceito de projeções metonímicas, nem mesmo de quaisquer figuras de linguagem, de maneira que a constatação da presença de tais características estilísticas pode ser considerada um indício de que há uma relação qualitativa entre as figuras de estilo e as qualidades discursivas trabalhadas na experiência didática, a partir da qual resultaram os textos analisados.

Em outros termos, podemos afirmar que, ao trabalhar o texto para que apresente as qualidades discursivas, em especial a qualidade discursiva concretude, é possível obter como resultado a melhoria estilística do texto, caracterizado pelo aparecimento de figuras de estilo, como as projeções metonímicas.

Quanto ao resultado qualitativo a respeito da presença/ausência da qualidade discursiva concretude e das projeções metonímicas, é indiscutível que a presença de ambas foram positivas para a qualidade textual. Se compararmos 1ª versão do texto de E2 (Quadro 2) e a sua última versão (Quadro 3) é visível o resultado qualitativo obtido (e comprovado na análise) pelo escrevente em seu texto. Isso, do ponto de vista pedagógico, pode significar que o trabalho de ensino de produção textual realizado guiou-se por um caminho teórico-metodológico se resultou benéfico para o aprendizado da escrita por parte dos sujeitos participantes da experiência.

Referências

ABREU, A. Suárez. *O design da escrita: redigindo com criatividade e beleza,, inclusive ficção*. Cotia - São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As figuras de linguagem*. V. 3. São Paulo: Ática, 1989.

CONCEIÇÃO, Rute I. S. *A reconstrução da discursividade na escrita: da redação escolar ao discurso*. Dissertação, 213 f. (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 1999.

_____. *Da redação escolar ao discurso: um caminho a reconstruir*. In: *Linguagem & Ensino*, Pelotas- RS: EDUCAT/Revista do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas, 2000, v. 3, n.2, jul, p.109-132.

CONCEIÇÃO, R. I. S. Correção de texto: um desafio para o professor de português. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, SP: UNICAMP, n.43(2), 2004, jul/dez, p.323-344.

FILIPAK, Francisco. *Teoria da Metáfora*. Curitiba: Livros HDV, 1983.
CONCEIÇÃO, R. I. S. *A redação escolar e o resgate da discursividade na escrita*. In: XLVII Seminário GEL, 1999, Bauru. Resumos Gel. Bauru: Editora da Unesp, 1999.

GUEDES, Paulo C. *Da Redação à Produção Textual: o ensino da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. São Paulo : Martins Fontes, 1983.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação - A Nova Retórica*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ⁱ E-mail das autoras: bia_demenjour@hotmail.com; ruteconceicao@ufgd.edu.br